

## LITERATURA

### O CÃO SEM PLUMAS: REALIDADE, REPRESENTAÇÃO E REORDENAMENTO

VERÓNICA FALCÃO DE OLIVEIRA VINAGRE <sup>a</sup>

#### Resumo

O presente artigo vislumbra discutir elementos naturais que compõem a paisagem do Nordeste brasileiro, sobretudo do Sertão pernambucano, na obra *O Cão sem Plumas* de João Cabral de Melo Neto. A observância do ambiente, natureza, pessoas e histórias relacionam-se e produzem um cenário imbricado e próximo à real condição social brasileira.

**Palavras-chave:** Paisagem, Homem, Relações e Representação.

#### Abstract

This article envisages discuss natural elements that make up the landscape of the Brazilian Northeast, especially in the Pernambuco backwoods, in the work *The dog without Plumes* of João Cabral de Melo Neto. Observance of the environment, nature, people and stories are related and produce an imbricated scenery and close to the real Brazilian social condition.

**Keywords:** Landscape. Man. Relations. Representation.

Debruçar-se sobre a obra literária de João Cabral de Melo Neto é aceitar um desafio intrigante, a leitura exigente de uma poesia permeada de entraves minerais. Nesse caminho poético, pedregoso, rigoroso, árduo e enxuto, a voz arguta de um poema simples e por isso pleno de complexidade aponta para a palidez de uma paisagem agreste composta de elementos do mundo e, mais ainda, elementos peculiarmente humanos.

João Cabral, poeta recifense, situa-se no Modernismo brasileiro, período em que os resquícios de um romantismo elitizado ou mesmo uma *poiesis* sublimada cedem lugar à cor local, ao solo, ao povo e a uma nação que se estrutura ainda arraigada em modelos econômicos e sociais explicitamente divididos entre exploradores e explorados, em que é

---

<sup>a</sup> Professora. Me.Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Brasil.

nítida a lacuna existente entre os ricos e os pobres; entre os grandes latifundiários de um sertão *severino* e os desgraçados filhos da seca.

Nesse sentido, João Cabral de Melo Neto acerca-se de um dizer elaborado, porém simples; a palavra é pedra bruta, material minuciosamente lapidado para ecoar a simplicidade revestida de agudeza, ou seja, os textos cabralinos despem-se do ornamento, da dissimulação e apontam para um trabalho vocabular enxuto, porém direto.

A leitura dos poemas configura a instituição de um olhar arguto, bem direcionado, não inebriado, um verdadeiro processo de debulhar as palavras, em um dizer bem cabralino, para assim compreendê-las.

Em face dessa percepção, o grande mote de sua poesia é, exatamente, relacionado a um árido, seco e mineral eixo Sertão-Sevilha, mesmo que separados continentalmente. E, a partir de uma observação mais contundente e elaborada em se tratando do Nordeste brasileiro, sobretudo ao Sertão pernambucano, afloram elementos verdadeiros, que compunham a realidade de um local existente, permeado de uma dureza não somente poética, mas legítima, em que cenário, ambientação, pessoas e histórias friccionam-se à real condição de um Brasil subdesenvolvido, com profundas desigualdades sociais, um país em que a produção, mão-de-obra e desenvolvimento escorrem para um elitizado e também parcialmente desenvolvido centro-sul.

Contudo, falar sobre verdade em um texto literário denota pensar acerca da representação a que a literatura faz do real. Importa saber que elementos compõem esse cenário verossímil, quais circunstâncias o poema evoca e por que a escolha de um vocábulo e não de outro para gerar o significado e a compreensão a que o leitor apreende de sua leitura. Não implica dizer que a leitura de um texto literário é interpretar o real circundante ou ainda é um trabalho de decifração a partir de dados ou informações suscitados. Obviamente, o texto literário não denota um texto histórico, porém, traços representativos de uma realidade podem fazer-se presentes e contribuir para a sua (re) significação.

A escritura de João Cabral de Melo Neto é toda estruturada em uma tipologia textual única: o poema é a forma encontrada pelo poeta para dar forma e voz à sua criação. Seu fazer poético é apresentado a partir da ação de debulhar os elementos que compõem o cenário e que contribuem para a representação de um contexto de miséria e vazio, uma profunda e pontiaguda escassez humana. E, acercando-se mais de sua obra, é interessante observar a construção e a representação social a que alude o poema “*O cão sem plumas*”. Em linhas gerais, o poema é composto de quatro momentos: Paisagem do Capibaribe I, Paisagem do Capibaribe II, Fábula do Capibaribe III e Discurso do Capibaribe IV. Vê-se,

a princípio, a estreita relação do poema com o rio Capibaribe, rio que corta praticamente todo o estado de Pernambuco, em um movimento do interior até Recife, a capital. Há uma profunda descrição desse rio cuja representação da realidade muito tem a ver com a condição do material humano existente em suas margens, a secura do rio mescla-se à secura humana em um processo de esgotamento e aniquilamento de ambos.

A representação da realidade dá indícios desde o título do poema, pois a figura do cão possui uma relação simétrica à imagem do rio. Nesse sentido, o cachorro, inserido no contexto de danação e nulidade, revela não lisonja ao ser evocada sua figura em texto poético, mas o condicionamento do rio e dos homens às circunstâncias históricas e geográficas a que são submetidos. O cão transforma-se em uma alegoria séria, problemática e mesmo trágica, como se vê logo no início do texto:

§ A cidade é passada pelo rio  
 como uma rua  
 é passada por um cachorro;  
 uma fruta por uma espada.

§ O rio ora lembrava  
 a língua mansa de um cão,  
 ora o ventre triste de um cão,  
 ora o outro rio  
 de aquoso pano sujo  
 dos olhos de um cão.

[...]

(MELO NETO, 1994, p. 105)

E falar em representação, é evocar a imagem do que se denomina realidade em um produto ficcional, ou seja, o resultado literário pode ser comparado à imitação de um real pré-existente e que motivaria o consciente trabalho do poeta em tecer artesanalmente o embrulho escamoteado, a mensagem, o código consistente e sólido do fazer poético, englobando para tal o plano estético e formal.

O arranjo das palavras, seu agrupamento e a escolha estilística, por exemplo, não são gratuitos, pois o trabalho artístico não é imotivado. Quando Aristóteles<sup>a</sup> discute sobre a poesia, a imitação e os modos de imitação, depreende-se objetivamente que o todo do texto literário, mais propriamente aqui nesta reflexão o texto poético cabralino, compõe-

<sup>a</sup> ARISTÓTELES. *Arte Poética*. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006. o. 23.

se de elementos como vocábulos, ritmo e imagens que se somam para a produção de um efeito, qual seja, a temática social de um nordeste esqualido como a figura de *O Cão sem plumas*: “do mesmo modo que alguns fazem imitações segundo um modelo com cores e atitudes, – uns com arte, outros levados pela rotina, outros enfim com a voz (...) nas artes (...) a imitação é produzida por meio do ritmo, da linguagem e da harmonia empregados (...)”.

Dessa forma, “*O Cão sem plumas*”, poema escrito entre os anos de 1949 e 1950, apresenta uma geografia deflagrada para além da terra, do solo seco e árido, apresenta, pois, uma geografia humana, mais ainda, a humanização de elementos naturais que se hibridizam aos humanos a fim de revelar a condição grotesca e dura do sertão pernambucano. Em *Paisagem do Capibaribe I*, há uma nítida apresentação interior do rio. Elementos como a cidade, a rua e a fruta são cortadas e, portanto, divididas pelo rio, pelo cachorro e pela espada, respectivamente, conforme fragmento apresentado.

Há a descrição de seu interior, o rio Capibaribe, bem como o cão sem plumas, isto é, sem vida, sem adornos, sem cobertura, é, pois, seco, desconhece a vida de um rio caudaloso, vigoroso, pleno de peixes que nadam suas águas azuis. O rio, em *Paisagem do Capibaribe I*, expõe suas mazelas e lança uma comparação curiosa:

§ Aquele rio  
 jamais se abre aos peixes,  
 ao brilho,  
 à inquietação de faca  
 que há nos peixes.  
 Jamais se abre em peixes.

§ Abre-se em flores  
 pobres e negras  
 como negros.

Abre-se numa flora  
 suja e mais mendiga  
 como são os mendigos negros.

Abre-se em mangues  
 de folhas duras e crespos  
 como um negro.

(MELO NETO, 1994, O. 105 – 106)

É instigante justamente quando se questiona como o contexto social concretiza-se no texto literário. Esse trecho relaciona o rio pobre, sem vida e enlameado a mendigos

negros. Esses dois núcleos de significados (rio e negros) apontam para a criação de uma nova realidade além daquela ordinária e cotidiana do rio e dos seres humanos: um passado de escravidão insiste em manter-se vivo no contexto do poema. O fato de haver a comparação ideológica entre os dois elementos permite a compreensão de uma sociedade que, assim como o rio, é composta de lama, pântano e mangue. Esses seres humanos são jubilados da sorte e essa analogia contrapõe-se quando o poema em uma crítica mordaz à elite da sociedade pernambucana assim a configura:

[...]

Algo da estagnação  
das árvores obesas  
pingando os mil açúcares  
das salas de jantar pernambucanas,  
por onde se veio arrastando.

§ (É nelas,  
mas de costas para o rio,  
que “as grandes famílias espirituais” da cidade  
chocam os ovos gordos  
de sua prosa.  
Na paz redonda das cozinhas,  
ei-las a revolver viciosamente  
seus caldeirões  
de preguiça viscosa.)

(MELO NETO, 1994, p. 107)

Há, pois, uma representação humana mediada no poema, ao que se pode dizer que é a síntese de uma realidade entre o jogo de originalidade e espelhamento. O *Cão sem plumas* apresenta por meios desses elementos constituintes do mundo real, logo fatídico, a constituição de um outro, ou seja, uma reordenação alegórica e criativa do mundo, um novo organismo instituído a partir da singularidade inerente ao texto literário.

Já em *Paisagem do Capibaribe II*, a visão passa a ser exterior ao rio, há uma percepção, porém esta não se refere ao interior do ambiente aquoso, na verdade, agora, é como se a paisagem fosse observada a partir do rio. Dessa forma, há uma circularidade entre os elementos lama – homens – cão, o que designa a imbricação entre eles, como pode ser constatado em:

§ Entre a paisagem  
 (fluía)  
 de homens plantados na lama;  
 de casas de lama  
 plantadas em ilhas  
 coaguladas na lama;  
 paisagem de anfíbios  
 de lama e lama.

§ Como o rio  
 aqueles homens  
 são como cães sem plumas  
 (um cão sem plumas

§ Um cão sem plumas  
 é quando uma árvore sem voz.  
 É quando de um pássaro  
 suas raízes no ar.  
 É quando a alguma coisa  
 roem tão fundo  
 até o que não tem).  
 [...]

(MELO NETO, 1994, p. 108)

Percebe-se no fragmento acima que o elemento “lama” traduz o ambiente que o homem vive e ao que se mescla. Enquanto suas casas são coágulos na lama, isto é, solidificam-se em meio ao ambiente enlameado, os homens, por sua vez, compõem a paisagem como seres anfíbios, já que habitam um cenário cujo rio é flagrante terra negra. Demonstra-se, dessa maneira, que essa situação explicita a própria condição humana em que os elementos, misturados, tornam o homem não só híbrido, mas, principalmente, perdido de si mesmo ao cruzar elementos como: árvore sem voz; pássaros com raízes no ar; roer fundo o que não tem.

As palavras e a circularidade sugerida por elas (cão, lama, homem, rio) apresentam, em Paisagem do Capibaribe II, a construção da nulidade, uma mistura que comprova a danação de um contexto, a dissipação de uma realidade que não oferece perspectivas otimistas. Significa dizer que o chão histórico que se pauta o poema não se alija do chão

histórico de um Brasil latifundiário e com intensas desigualdades sociais, muito embora a realidade expressa pelo texto literário não evidencie fidedignamente a realidade do *modus operandi* cotidiano, presta-se a literatura a recriar, reordenar, aproximar, sintetizar ou mesmo apontar para uma verdade indelével e singularizada. Quando Antônio Cândido<sup>2</sup> elabora uma reflexão acerca de *O Cortiço* e de *L'Assommoir*, esboça sua posição que concorre para justificar essa afirmação:

(...) nós sabemos que, embora filha do mundo, a obra é um mundo, e que convém antes de tudo pesquisar nela mesma as razões que a sustentam como tal. A sua *razão* é a disposição dos núcleos de significado, formando uma combinação *sui generis*, que se for determinada pela análise pode ser traduzida num enunciado exemplar. Este procura indicar a fórmula segundo a qual a realidade do mundo ou do espírito foi reordenada, transformada, desfigurada ou até posta de lado, para dar nascimento ao outro mundo.

Em se tratando da *Fábula do Capibaribe*, o tom poético preza por uma essência mais alegórica e imagética, como o próprio termo *fábula* indica. Então, a imagem do mendigo e do cachorro é retomada e com ela uma comparação interessante entre o mar e o poeta. O mar, visto como uma bandeira desdobrada roendo com “seus dentes e seu sabão” suas praias; e o poeta, por sua vez, “polindo esqueletos”, como o trabalho que faz com a palavra. O mar, mais forte, sugere um encontro até cruel com o rio fraco, acanhado e temeroso daquela invasão severa:

§ O rio teme aquele mar  
 como um cachorro  
 teme uma porta entretanto aberta,  
 como um mendigo,  
 a igreja aparentemente aberta.  
 § Primeiro,  
 o mar devolve o rio.  
 Fecha o mar ao rio  
 seus brancos lençóis.  
 O mar se fecha  
 a tudo o que no rio  
 são flores de terra,  
 imagem de cão ou mendigo.  
 [...]

(MELO NETO, 1994, p. 112)

<sup>2</sup> Cf. CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004. p. 105.

As metáforas utilizadas para a ambientação desse contexto pontuado, como é o do rio Capibaribe no poema, são instauradas para gerar uma amplitude de sentido e significância em relação aos dados unicamente históricos. O elenco não é surpreendente: rio, mar, lençol, igreja, flores, porta, mendigo e cão, por exemplo, são elementos comuns do mundo regular e concreto, ao qual a espécie humana encontra-se inserida. Entretanto, dispor desses elementos em um texto com a finalidade de (re) criar um novo sentido por meio do jogo, do arranjo e do estilo é o que pode responder com eficiência o que é o literário e o poético dentro do universo da linguagem e da representação.

Em Discurso do Capibaribe não é diferente. Nesse momento, o poema retoma a circularidade através de outros tantos elementos. Agora, o “discurso” do rio não se volta ao seu interior ou exterior, mas, sobretudo, à relação estreita entre o cão, o rio e o homem. O tema *vida* está presente e o rio parece ensinar ou mesmo mostrar como, nessa sina endurecida e consistente, deve-se viver, mesmo que isso signifique que o que vive “incomoda de vida” e “choca”. Obviamente, dada a realidade apresentada, o ato de viver torna-se insistência e persistência, já que o homem, o rio e o cão produzem sempre uma imagem pálida e sórdida. Não há indícios de melhoramento, mudança ou transformação de sua condição social. O poema, portanto, fricciona as imagens a fim de criar o efeito nulo de uma existência humana *severina*, ou seja, árida e rija:

§ Como todo o real  
 é espesso.  
 Aquele rio  
 é espesso e real.  
 Como uma maçã é espessa.  
 Como um cachorro  
 é mais espesso do que uma maçã.  
 Como é mais espesso  
 o sangue do cachorro  
 do que o próprio cachorro.  
 Como é mais espesso um homem  
 do que o sangue de um cachorro.  
 Como é muito mais espesso  
 o sangue de um homem  
 do que o sonho de um homem.

[...]

(MELO NETO, 1994, p. 115)

Página 187 de 217



Repara-se a circularidade insistente, há um fluir que muito tem a ver com o rio, no entanto, retorna sempre ao mesmo ponto: o de uma existência esquelética, uma condição de vida determinada por uma estrutura social perene e imutável. Assim, o real é espesso; o rio é espesso e real; a maçã é espessa; o cachorro é mais espesso que uma maçã; o sangue do cachorro é mais espesso que o próprio cachorro; o homem é mais espesso que o sangue do cachorro; é muito mais espesso o sangue do homem que o sonho dele.

Com a gradação, entende-se que o homem é o que há de mais denso nessa circularidade, os sonhos são espectros menos consistentes, o que há de sólido e verdadeiro na cadeia é a sua existência. Mais adiante no poema, a maçã é colocada em evidência exatamente para aludir à fome como a instauração de uma crítica social:

[...]  
 Como uma maçã  
 é muito mais espessa  
 se um homem a come  
 do que se um homem a vê.  
 Como é ainda mais espessa  
 se a fome a come.  
 Como é ainda muito mais espessa  
 se não a pode comer  
 a fome que a vê.  
 [...]

(Ibidem, p. 115)

Assim, a verdadeira consistência e solidez a que alude o poema é mostrar quão grossa, grotesca e endurecida é a vida desse homem: um sujeito feito de lama e pântano, como um cão sem plumas ou um fio de rio que teima em sobreviver aquosamente. Observa-se, portanto, a modelagem que se faz da realidade, os elementos escolhidos para representá-la não são aleatórios. A comparação do cão ao rio e desses dois ao homem não se distancia da geografia local, o que ratifica sua extensão à geografia humana, o delineamento das palavras que corrobora para compor o cenário de miséria, vazio e escassez da natureza e do homem.

Nesse dizer simples e elaborado, a vida do sujeito sertanejo é tratada, na poética cabralina como luta, o que traduz a diferença de classes, um viés capitalista e esclarecedor da condição do homem e do meio, como é verificável em:

§ Porque é muito mais espessa  
a vida que se desdobra  
em mais vida,  
como uma fruta  
é mais espessa  
que sua flor;  
como a árvore  
é mais espessa  
que sua semente;  
como a flor  
é mais espessa  
que sua árvore,  
etc. etc.

§ Espesso,  
porque é mais espessa  
a vida que se luta  
cada dia,  
o dia que se adquire  
cada dia  
(como uma ave  
que vai cada segundo  
conquistando seu vôo).

(MELO NETO, 1994, p. 116) (grifo nosso)

Assim, observar criticamente o texto literário como produto de uma realidade é perceber sua originalidade, ou seja, a reunião de elementos do mundo concreto para a instauração de um novo pautado em um espelhamento e, a partir dele, gerar uma singularidade, exatamente como ocorre em *O Cão sem plumas* cujos elementos concorrem para a representação alegórica de um mundo em desalinho, implica, portanto, a compreensão de uma nova realidade ordenada a partir do olhar arguto lançado a um Brasil discrepante e legitimamente desigual.

## BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

1. MELO NETO, João Cabral de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.